

O VALE DAS LARANJEIRAS – ASPECTOS HISTÓRICOS

Eliana Belo Silva

FUNDAÇÃO

O projeto de loteamento para formação de sítios de recreio do Vale das Laranjeiras foi aprovado pela portaria emitida pelo **INCRA nº 728 de 23 de julho de 1976**, em um imóvel rural de 3.259.258,55 m².

Menos de dois meses depois (08/09/1976), os dois proprietários: **Santa Carmem S.A. Agricultura, Comércio e Indústria** cujo diretor-presidente era Gabriel Gonçalves Júnior e **Itaici - Empreendimentos Imobiliários S.A.** solicitaram o registro do loteamento no Cartório de Imóveis de Indaiatuba, com o nome de “Colinas Mosteiro de Itaici – Vale das Laranjeiras”.

Na mesma semana – no dia 13 - conforme obrigado por lei, o Cartório de Indaiatuba publicou o Edital de Loteamento, informando que, se não houvesse impugnação, o loteamento seria devidamente registrado. Mas houve.

O impasse entre o impugnador e os empreendedores do loteamento demorou cerca de um ano para ser resolvido, até que, finalmente, no dia **12 de outubro de 1977** nascia o “**Colinas do Mosteiro de Itaici – Vale das Laranjeiras**”, sendo registrado na matrícula 3.630 do Cartório de Imóveis de Indaiatuba.

Nesta sua data de fundação, de acordo com a matrícula, o planejado e aprovado nos 325,93 hectares ou 134,68 alqueires era: *“697 lotes implementados às margens da estrada que liga Indaiatuba à Itupeva (Estrada Municipal José Boldrini), onde seriam construídos dois lagos artificiais rasos para embelezar a área, com alamedas com passeios gramados e arborizados, obras para manter a declividade das ruas inferior à 10% para escoar naturalmente a área pluvial e com propriedades demarcadas com estacas de pedras naturais feitas com granito de Itu”.*

Muitos só conhecem a história do condomínio como tendo sido “*feito em um laranjal que até então era dos padres de Itaici*” e não tiveram a oportunidade de conhecer o quanto essa terra é ricamente relacionada à História de Indaiatuba, do estado de São Paulo e do nosso Brasil.

Este artigo é uma oportunidade para você conhecer alguns aspectos dessa história e juntá-la com suas memórias, relacionar aspectos antigos que você nem imaginava que existiram, com suas lembranças desse querido pedaço de chão que, com certeza, passará a ter outros significados em seu imaginário afetivo.

Certeza de que sua sensação de **pertencimento** ao “Vale” se fortalecerá cada vez que uma memória pessoal se encaixar neste conteúdo, expandindo-o - ou ainda, essa percepção crescerá na medida em que conhecer o quanto esse local é impregnado de lembranças e de História.

Benvindo à aventura histórica do Vale das Laranjeiras!

O VALE E O BANDEIRANTE

Até onde sabemos, a informação mais antiga documentada sobre o local onde hoje se encontra o Vale das Laranjeiras remete-nos a um bandeirante que ocupou um território indígena, cujos detalhes de vida ainda não nos alcança com a totalidade que merece e a maior prova disso é justamente a origem da palavra itaici, que é tupi-guarani.

Sim, um bandeirante. Aquele personagem histórico do chamado “Ciclo das Entradas e Bandeiras” que tinha um capítulo inteiro em nossos livros de história do Brasil – lembra-se de estudar sobre esse assunto? Pois bem, todo um extenso entorno de onde hoje é Itaici e parte dos condomínios, chácaras e sítios pertenceu ao famoso bandeirante Pai-Pirá. Ele foi proprietário de um grande latifúndio que se chamava Fazenda Taipas. O nome completo do bandeirante Pai-Pirá era Coronel Antônio Pires de Campos e esse sertanista chegou a ter 600 indígenas da etnia Bororó “escravizados”, (na época chamados de *domesticados* ou *administrados*) tendo sido proprietário - ou seus descendentes - do local, até a década de 1780. Há fontes ainda imprecisas, que citam que ele nasceu em 1702 e morreu em 1751, de malária. Outras fontes dizem que faleceu em 1755 com uma flechada.

O pai, que tinha o mesmo nome, e o avô Manoel Campos Bicudo - eram naturais da Vila de Itu no estado de São Paulo onde a família possuía muitas terras na região, entre elas, a Fazenda Taipas. Foram homens envolvidos com os sertões, sempre buscando ouro ou caçando índios o que fez com que Antônio Pires de Campos, o filho, crescesse em um ambiente no qual pôde acompanhar as ações de seus ancestrais no tratamento dado aos indígenas

Pai-Pirá (que significa 'pai de todos') é citado pelo escritor Afonso d'E. Taunay em sua obra "Relatos Sertanistas" (1954 – pag. 181) como sendo um dos informantes mais "capacitados" de sua época sobre os Cayapós, inclusive deixando textos escritos sobre eles. Ele foi contratado pelo governo colonial para dizimar os "índios hostis", usando, para isso, o extenso exército formado exclusivamente pelos bororós (muitos dos quais herdara de seu pai e avô), sem nenhum branco. Sua função era dar viabilidade para a chamada Estrada do Anhanguera ou Caminho de Goiás, por onde o ouro de Minas Gerais escoava para São Paulo. Para evitar os saques dos Cayapós que eram os nativos da região (atual Triângulo Mineiro – região chamada na época de Sertão da Farinha Podre) - utilizou, segundo o próprio Taunay descreveu, "barbaridades espantosas e grande mortandade" e para justificar o ataque impiedoso e ganhar a recompensa de uma arroba de ouro em troca de os afugentar ou destruir, Pai-Pirá os acusou de canibais, justificando, desta, forma, o genocídio sangrento. Em 1774, sem ter mais condições de resistência, os poucos que sobraram foram conduzidos a aldeia de São José, onde "por motivo da mortandade e deserção os caíram em ruínas".

Seu temperamento tirano e escravizador para com os indígenas é citado por outras fontes da época, como por exemplo uma carta de 1775 de autoria de José Pinto da Fonseca que relata sua agressividade e violência contra os Carajás da Ilha do Bananal, onde açoitou, aprisionou, matou e por fim, separou famílias, trocando alguns dos aprisionados por gado. Convém lembrar que a imagem do bandeirante como o paulista herói nacional, o corajoso responsável pela expansão territorial do Brasil só começou a ser desconstruída no século passado, quando fontes seguras demonstraram o quanto eram impiedosos e gananciosos. Outro fato sobre Pai-Pirá que está sendo recentemente estudado era sua inteligência (o que se conclui pelos textos que escreveu) e muita artilosidade para negociar com os bororós, uma vez que já é estudado que a etnia não foi

submetida à escravidão por tanto tempo de forma passiva, e que foram aldeados com interesses específicos, que de certa forma foram agenciados e negociados entre as partes, vindo daí a alcunha “pai pirá”.

PARA SABER MAIS

- Em 1780 o Brasil ainda era uma Colônia de Portugal.
- Indaiatuba só seria fundada em 1830, no dia 9 de dezembro. Ou seja, estamos falando de uma história de Indaiatuba com mais de cinquenta anos ANTES de sua data oficial de fundação.

O VALE E OS FÉRRER DO AMARAL

Em **1798** sabe-se que a até então Fazenda Taipas era de propriedade de um grande latifundiário chamado Vicente Férrer do Amaral, que só nessa propriedade possuía 22 trabalhadores negros escravizados. Junto com sua esposa Brígida Soares de Camargo, tiveram 12 filhos, sendo reconhecidos como um dos casais pioneiros na povoação de Indaiatuba. Com a morte de Vicente em **1817**, a viúva Brígida passou a ser proprietária das Fazendas de Feital, Cocais, Pau-Preto e Itaiçi. Em 1835 Brígida vendeu vários bens e entre eles, a Fazenda Itaiçi para o alferes Lourenço Xavier de Almeida Prado.

PARA SABER MAIS

- Itaiçi é uma palavra tupi que significa "fonte da pedra" ou “fonte nas pedras” (em alusão ao Rio Jundiáí) através da junção de itá (pedra), 'y (água) e sy (mãe).
- A primeira vez que o local aparece documentalmente com o nome de Itaiçi é nos testamentos do casal Férrer do Amaral, com o nome de Fazenda Itaiçi ou Fazenda Taipas.

O VALE E OS TIBIRIÇÁ PIRATININGA

Em **1851** o alferes Lourenço Xavier de Almeida Prado vendeu a propriedade para João de Almeida Prado Júnior (*1802 - †1851), mas conhecido como João Tibiriçá Piratininga 'Pai'.

A família Almeida Prado chegou ao Brasil na segunda expedição de Martin Afonso de Souza, que foi o primeiro donatário da Capitania Hereditária de São Vicente, mas acabaram por fazer uso de dois sobrenomes tipicamente indígenas, ambos em alusão ao Cacique Tibiriçá, considerado principal líder indígena do Planalto de Piratininga.

Em **1857** o filho dele, o indaiatubano João Tibiriçá Piratininga 'O Moço' (*1829 - †1888) herdou a fazenda onde, após passar seis anos na Europa estudando disciplinas diversas relacionadas às Ciências Físicas e Naturais aplicadas à agricultura – principalmente à açucareira, que gerava riqueza para sua família – instalou um imponente engenho a vapor importado da França, que levou dois anos - com o emprego de boi, alavancas e força escrava) para chegar de Santos até Itaiçi. Comprou a Fazenda Tranqueiras do seu irmão José, expandindo mais ainda o local, que passou a ser conhecido como “Engenho de Itaiçi”, que tinha uma lavoura com sistema de afolhamento onde tinha cana, algodão e feijão.

Uma típica fazenda da época do Ciclo da Cana, onde o cotidiano se dava entre a casa-grande e a senzala. Essa propriedade rural nos deixou um patrimônio edificado ainda pouco explorado pelos historiadores e memorialistas de nossa cidade: a casa-grande, a sede da fazenda da época é a chamada Vila Manresa, que está na Vila Kostka, que você pode visitar quando for ao Mosteiro de Itaiçi.

PARA SABER MAIS

João Tibiriçá Piratininga 'O Moço' foi um importante personagem da História do Brasil: presidiu a Convenção de Itu, marco definitivo para o fim do regime imperial e início da república brasileira.

Em **1891** o filho de Tibiriçá Piratininga ‘O Moço’, Jorge Tibiriçá, vendeu a fazenda que herdou com a morte do pai para construir um palacete na Rua Tamandaré, em São Paulo, capital.

PARA SABER MAIS

Jorge Tibiriçá foi o presidente da província (governador do Estado) de São Paulo por duas vezes: a primeira entre outubro de 1890 e março de 1891, e a segunda, entre maio de 1904 e de 1908.

O VALE E A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ITAICI

Embora a palavra Itaici tenha sido usada como sinônimo do lugar onde estava a Fazenda Taipas por muitos anos, a palavra só ficou mais conhecida com a estação ferroviária.

A festa de inauguração da estação de Itaici aconteceu em 11/12/1879, mas tudo leva a crer que ela já existia desde 1873 e com Itu, Salto e Pimenta, serviu originalmente à linha-tronco da Ituana (Itu-Jundiaí). A partir de 1914, passou a servir ao ramal de Campinas.

A Estação Ferroviária de Itaici não foi uma simples estação, ela era um entroncamento por onde passavam quatro trens cruzando três vezes por dia. Durante o final do século XIX e início do século XX, funcionava como sede de correio, escola ferroviária e por ser um local de importância estadual de logística, o dono do bar/restaurante que havia no local tornou-se uma figura tão importante que recebeu o título de “Barão de Itaici”.

PARA SABER MAIS

José de Araújo, o Chico Bulão, nasceu na Freguesia de Lage, em Braga – Portugal, em 25 de fevereiro de 1844, filho de Antônio José de Araújo e Maria Rosa da Motta. Chegou ao Brasil com quinze anos, em 1859, e empregou-se, inicialmente, no comércio do Rio de Janeiro. Ainda jovem,

veio para Itaiçy (grafia da época), onde fez fortuna com o comércio e com a agricultura de frutas e sementes, chegando a participar de grandes exposições (ganhou prêmios com suas ameixas, pêssegos e maçãs) e exportar, pelo porto de Santos, com sua empresa Araújo, Tavares & Co. Como empreendedor, além de fazendeiro, Chico de Itaiçy foi um comerciante que soube aproveitar o ponto da Estação Ferroviária de Itaiçy, um importante e movimentado entroncamento ferroviário por onde passavam trens de cargas e de passageiros.

Ali, montou um negócio, misto de restaurante, botequim, fábrica artesanal de doces (vendia figos em latas) e armazém de distribuição. Dali, recebia e despachava encomendas e ficou tão conhecido na logística da linha férrea que seu poder e prestígio confundia-se com o de administrador da ferrovia. Para ele eram pedidos favores, não só sobre cargas e descargas, mas de empregos. Recebeu a alcunha de “Barão de Itaiçy” e era o *coroné* daquele bairro. Foi vereador na Câmara Municipal de Indaiatuba e, quando Indaiatuba passou por um sério surto de febre amarela em 1899, a Câmara foi fechada e funcionou em Itaiçy, sob seu acolhimento, na própria Estação.

A Estação Ferroviária de Itaiçy foi desativada em 1986, com a construção da variante Boa Vista-Guaianã. Em 2004, a estação estava sendo utilizada pela comunidade da paróquia Santa Terezinha, do padre Artur Sampaio, como um centro comunitário para jovens de 07 a 14 anos. Em 2010, estava invadida. Em setembro de 2014, estava sendo restaurada pela FCBA Construtora, vencedora da licitação da Prefeitura. Por último, no dia 12 de agosto de 2022 o local foi inaugurado, após outra reforma como “Centro Cultural Itaiçy”.

O VALE E O MOSTEIRO DE ITAICI

Em 1896, o proprietário Cândido de Moraes Bueno, que havia comprado a fazenda de Jorge Tibiriçá em 1891, vendeu parte dela para os padres

jesuítas. Um total de 250 alqueires passou a ser do Internato São Luiz de Itu.

O valor da venda foi registrado como “simbólico”, e o padre Luís Tabar, representante do Internato, teria negociado diretamente com o Capitão Cândido, com a intenção de construir um sanatório de doentes e ao mesmo tempo um local de retiro para jovens seminaristas.

Os mais antigos jesuítas que moraram no local, narram que era um período tranquilo, onde o Rio Jundiáí era muito limpo e com muitos peixes, tomava-se banho lá. Na mata dos arredores apareciam jaguatiricas e onças. A partir de 1917, o Irmão Larrañaga com aproximadamente 100 pessoas (irmãos, padres e jovens noviços) começou a liderar, como mestre-de-obras, a construção do atual conglomerado que forma o Mosteiro de Itaici, com material beneficiado no próprio local, basicamente de forma artesanal. Os irmãos, seminaristas e padres da casa tinham vários e diferentes ofícios, trabalhavam em diferentes funções na olaria, oficina de ferragens e carpintaria até ficar pronto uma escola de seminaristas, que duraria até 1972, quando Mosteiro de Itaici foi transformado em uma Casa de Retiros. O local também funcionou como sede da CNBB, que entre bispos, padres, assistentes e leigos chegavam a somar 300 hóspedes. Na década de 70 parte do patrimônio foi vendido e atualmente, a manutenção da casa é feita principalmente por eventos para retirantes.

PARA SABER MAIS

Os primeiros jesuítas do Mosteiro de Itaici encontraram pedras lascadas que serviam de armas – machados – para a população indígena originária do local.

A ASSOCIAÇÃO

O Vale das Laranjeiras e Jardim dos Laranjais eram, originalmente, um loteamento público de sítios de recreio, que obteve permissão para ser *fechado* a partir do Decreto nº 5.866 de 29 de julho de 1996 que dispõe

sobre a permissão de uso de bem público municipal em favor da Associação de Moradores do Vale da Laranjeira. A associação existe desde 1983 e era denominada Associação de Amigos do Vale das Laranjeiras, mas em 2011 passou a ser Associação dos Moradores do Vale das Laranjeiras. A associação (que muitos chamam erroneamente de “condomínio” é uma das maiores do município (em área), tem aproximadamente 3,2 km², dividido em lotes com área mínima de 1.000 m².

A partir de 02 de abril de 1983, quando foi constituída a Sociedade Amigos do Vale das Laranjeiras, muitos benefícios foram feitos, sendo que foi o primeiro loteamento a conquistar asfalto em todas as ruas e receber as correspondências pelo correio, diretamente em suas casas. Em 1988 foi construída a portaria de serviços e em 1991 foi feita a divisa com o Jardim dos Laranjais. Em 1992 a Associação recebeu autorização para uso do terreno onde hoje está a sede e em 1996 foi autorizada a construção da portaria principal.

A partir de 2010, o Vale das Laranjeiras iniciou uma nova fase, com uma administração cujo principal objetivo era o comum a todos os moradores, isto é, a segurança! Assim, iniciou a construção do muro de divisa, começando pela divisa com a Fazenda Pimenta, paralela às Alamedas Setúbal e Cantanhede.

Atualmente o loteamento conta com parques infantis, um parque com equipamento para a terceira idade e para adultos, 3 lagos artificiais e extensa área verde. Os parques estão em processo de melhoria e as áreas verdes estão sendo revitalizadas, como apoio da Prefeitura Municipal.

A segurança continua sendo o foco permanente da administração: há portaria eletrônica, com identificação dos visitantes e prestadores de serviços, monitoramento interno, com rondas. A rede de câmeras existente, com cerca de 50 câmeras, está sendo ampliada com mais cerca de 100 câmeras.

O FUTURO

“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes

acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre”.

José Saramago

Apenas uma estratégia é capaz de construir um futuro melhor: o aprendizado com os erros e os acertos do passado. Isso serve para nossa vida pessoal e para nossa vida coletiva.

O futuro do Vale depende do que será construído, de forma coletiva, pela ação individual de cada um dos moradores a **partir de agora**. Desta forma, convidamos você a participar dessa construção, e para ampliar a história que você conheceu aqui, te convidamos a deixar suas memórias **CLICANDO AQUI**. A história da sua família nestas terras e com nossa gente, também deve ser escrita para servir com inspiração.

Para quem chegou até aqui, a Associação agradece nessa viagem que juntos fizemos para conhecermos parte da história do Vale. Com diz poética e revolucionariamente Eduardo Galeano, **“Não existe história muda. Por mais que a queimem, por mais que a quebrem, por mais que mintam, a história humana se recusa a ficar calada”**.

Sobre a autora | *Eliana Belo Silva é Historiadora, Pedagoga com especialização em Gestão Escolar, Auditora Líder ISO com registro no IRCA (Inglaterra), formada pela Fundação Vanzolini (USP), pós-graduada em Sistemas de Gestão pela Faculdade de Engenharia Química da Unicamp e Auditora Líder em PBQP_H pela LRQA do Brasil.*